



QUANDO A ORAÇÃO SE TORNA DIFÍCIL

Lewis S. Fiorelli OSFS

Para S. Francisco de Sales, toda a vida espiritual se caracteriza plenamente por relacionamentos. De fato, ele descreve nosso amor de Deus em termos de uma amizade espiritual. E essencial àquela amizade é a comunicação que é pessoal, freqüente e inspirada pela fé. Oração é a expressão principal dessa comunicação, e, para Francisco, a oração é a conversação de coração a coração na qual Deus e o indivíduo falam e escutam mutuamente. O assunto específico da conversação não é tão importante para ele quanto a comunhão resultante de corações, a qual conduz a uma união de vontades e uma unicidade de objetivo na vida diária.

Se a vida espiritual trata da amizade entre Deus e o indivíduo que é alimentada, freqüentemente, até diariamente, pela prática da oração, então como devemos avaliar dificuldades na oração? Por exemplo, será que a aridez na oração é um sinal de algum estorvo ou fratura em nossa amizade com Deus? Distrações na oração indicam alguma falta de fidelidade da nossa parte nessa relação?

Na sua “Introdução à Vida Devota”, Francisco estimula as pessoas que desejam tornar-se santas a rezar freqüentemente e ele descreve detalhadamente os vários passos do seu método simples de meditação. Dessa maneira, ele ensina mansamente a Filotéia o modo de meditar. A vida e as virtudes de Jesus são o foco primário da meditação. Seu objetivo é uma resolução firme da nossa parte de imitar as virtudes de Jesus em nossa vida diária com outros (Parte II, capítulos 2-8).

Várias vezes na Introdução, Francisco discute dificuldades que se experimentam freqüentemente na oração, especialmente na oração mental. A aridez espiritual é a principal entre essas dificuldades. Baseado na sua longa experiência pastoral como guia espiritual, ele discute diversas possíveis razões dessa aridez e oferece sugestões práticas como permanecer fiel à oração, e assim à amizade com Deus, até na agonia de grande aridez espiritual (Parte II, capítulo 9; Parte IV, capítulos 14-15).

Acontece freqüentemente - ele nos afirma - que Deus nos abençoa com “ameixas açucaradas” de alegria divina e consolações espirituais os que estão decididos a procurar seriamente viver a vida devota. Mas, Francisco nos avisa: “Esse lindo tempo agradável não durará sempre.” Realmente, freqüentemente, segue um estado espiritual de aridez, na qual uma pessoa se sente como um “deserto árido, estéril onde não há nenhuma senda ou estrada rumo a Deus”.

Francisco sugere várias possíveis razões dessa mudança do “tempo” espiritual de uma pessoa. Talvez estejamos demasiadamente apegados às consolações de Deus em vez de àquilo que é verdadeiramente de central importância, quer dizer, o Deus dessas consolações. Talvez não tenham agido de acordo com as inspirações recebidas na oração ou com nossas resoluções de imitar as virtudes de Jesus em nossa vida diária em meio aos outros. Talvez as esqueçamos logo depois da oração. Talvez não tenham sido fiéis à prática da própria oração e, por isso, à comunicação freqüente que ocupa um lugar central em qualquer amizade, especialmente essa com Deus. Deveríamos, então, ficar surpreendidos de que nosso Amigo não se encontra quando, finalmente, começamos a procurá-Lo novamente? Há realmente correspondência entre nossa oração e outros aspectos da nossa vida espiritual? Somos, por exemplo, abertos e honestos diante de Deus na oração, mas não tão abertos, talvez até fingidos com nosso confessor? “Se você não for sincero e simples como uma criancinha, você não terá as ameixas açucaradas que são dadas a criancinhas.” Temos aproveitado bem as consolações passadas? Se não, é honesto da nossa parte esperar mais dessas?

Talvez, depois de examinar-nos desse modo, descubramos que temos faltado à amizade e fomos assim a causa principal da mudança no tempo espiritual da oração. Ou pode ser que, apesar desse exame, não sabemos ainda sua causa. Em todo caso, Francisco sugere que demos estes passos. Em humildade, imploremos a Deus a consolação dele e estejamos abertos para

com nosso confessor, enquanto aceitando o conselho que nos é dado. Além disso, não estejamos demasiadamente ansiosos para ser libertados desse estado de aridez mas, antes, esperemos calmamente até ou a não ser que Deus solucione isso. Pois, “quando Deus vê tal santa indiferença, ele nos consolará com muitas graças e bênçãos.” Custe o que custar, não percamos nunca o ânimo em tempo de aridez, mas esperemos o retorno de consolações, enquanto permanecermos fiéis à prática da oração. Realmente, fidelidade à oração em meio à aridez produz virtudes que são verdadeiramente fortes e espiritualmente vigorosas.

Às vezes, em meio à aridez espiritual, não conseguimos dizer coisa alguma. Nossa oração, então, segundo Francisco, deve ser simplesmente de presença junto ao nosso Amigo, e Ele junto a nós. E isso basta. Escute o sábio conselho que ele nos dá nessas circunstâncias: “Portanto, quando você vier diante de Deus, fale com Ele, se puder; se não puder, só fique ali, deixe que seja visto, e não procure demasiado fazer qualquer outra coisa” (Oeuvres, XVIII, 385-388: Carta CDXLI; Cartas de Direção Espiritual, pág., 101). Sta. Joana de Chantal oferece um conselho semelhante diante de distrações: “Tente permanecer tranqüilo no meio dessa guerra de distrações e aproveite o tempo designado para a oração quieta e tranqüilamente, não fazendo nada na presença de Deus, enquanto ficando simplesmente contente de estar ali... Só fique sentado lá, tranqüilamente e com reverencia interior e exterior, convencido de que essa paciência é uma oração poderosa diante de Deus” (Sa vie et ses oeuvres, VIII, 135-40: Carta MDCXX; Cartas de Direção Espiritual, pág., 198).

Francisco está bem consciente da íntima relação entre o corpo e o espírito e assim nos faz lembrar que, às vezes, a mudança em nosso tempo espiritual se deve a nada mais do que a alguma doença física ou fadiga espiritual. Nessas circunstâncias, a oração será mais difícil para nós e provavelmente menos satisfatória. No entanto, por tudo aquilo, não será menos agradável a Deus.

Se nos lembramos da natureza relacional da vida espiritual em termos gerais e da oração especificamente, saberemos melhor como lidar com a maré alta e baixa, os altos e baixos da nossa relação com Deus. Quando vemos o rosto sorridente de recém-casados, desejamos-lhes essa mesma felicidade para sempre. No entanto, quem entre nós não admite que tal desejo não seja muito realista? Como todos os casais, eles terão, indubitavelmente, a partilha de dias felizes e dias tristes, de tempos bons e tempos ruins. Mesmo assim, esperamos que, através de todas as vicissitudes da sua vida de casados, cada

um permanecerá fiel ao outro. De fato, o constante através dos altos e baixos da sua vida de casados será o seu amor sólido e fiel de um para o outro. Se isso é verdade entre cônjuges num matrimônio, igualmente se aplica a nós em nossa amizade espiritual com Deus. No tempo bom das consolações, como também nas condições de aridez desértica; na oração que se concentra tranqüilamente em Deus, como também na oração que está repleta de distrações; em qualquer condição física ou espiritual nos encontremos, permaneçamos fiéis a nosso Amigo e, assim, à conversação com Ele, de coração a coração; pois essa é oração. Agindo assim, Ele estará satisfeito, e nós seremos abençoados.